

ANDERSON SILVA DE ARAÚJO

DISCIPLINA RESTAURADORA:

Um desafio prático para os
nossos dias

Rio de Janeiro

1996

DISCIPLINA RESTAURADORA:
Um desafio prático para os nossos dias

por

Anderson Silva de Araújo

Monografia apresentada em cumprimento
às exigências da Disciplina
METODOLOGIA DA PESQUISA II
do
Curso de Bacharel em Teologia.

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL

Rio de Janeiro

1996

Araújo, Anderson Silva de

262.9
A663d Disciplina restauradora: Um desafio
prático para os nossos dias. Rio de
Janeiro: 1996.

68 p.

[Monografia - Bacharel em Teologia-
STBSB]

1. Igreja-Disciplina 2. Igreja-Novo
Testamento. I. Título II. Seminário
Teológico Batista do Sul do Brasil

CDD 262.9

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL

DISCIPLINA RESTAURADORA

Um desafio prático para os nossos dias.

Autor: ANDERSON SILVA DE ARAUJO

Orientador de conteúdo: _____

Sindispaiva de Moysaltes
Orientador de forma: _____

Aprovada em __/__/96

Rio de Janeiro

1996

"A Igreja é o único exército no mundo que tem a reputação de deixar para trás os seus feridos."
Anônimo.

DEDICATÓRIA

A meus pais que diretamente e indiretamente me apoiaram no decorrer do curso. E aos meus amigos Iran Fábio Alves e Marcos Lins Gruvira que me fizeram compreender que não estava sozinho nesse percurso da minha vida.

Valeu a pena.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois com ele e por ele é que continuei nessa caminhada.
Aos professores do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil
que contribuíram intelectualmente e me estimularam nesse
trabalho.

A turma de 93-96 pelos momentos ímpares de comunhão e alegria
de irmãos.

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO, 11
2. CONCEITO DE DISCIPLINA NO NOVO TESTAMENTO, 13
 - 2.1 Disciplina no conceito de Jesus, 13
 - 2.1.1 Conceito de Fazer discípulos, 13
 - 2.1.2 Conceito de ensino, 15
 - 2.1.3 Conceito de exortação, 15
 - 2.1.4 Disciplina da mulher adúltera, 17
 - 2.1.5 Disciplina de Pedro, 17
 - 2.2 A disciplina dos apóstolos, 19
 - 2.2.1 A disciplina de Ananias e Safira, 19
 - 2.2.2 A disciplina de Simão, o mágico, 20
 - 2.2.3 A disciplina em I Jo. 5.16,17, 21
 - 2.3 A disciplina de Paulo, 22
 - 2.3.1 O conselho de Paulo a Timóteo sobre disciplina, 22
 - 2.3.2 A disciplina na Igreja de Corinto, 23
 - 2.3.3 A disciplina de Paulo em relação aos hereges, 24
3. DISCIPLINA ECLESIASTICA USADA NAS IGREJAS DE HOJE, 27
 - 3.1 Análise da disciplina eclesiástica nos dias de hoje, 27
 - 3.1.1 Objetivos da disciplina eclesiástica, 27
 - 3.1.2 Razões para a disciplina eclesiástica, 30
 - 3.1.2.1 Fatores sócio-econômicos, 33
 - 3.1.2.2 Fatores religiosos, 34
 - 3.1.2.3 Fatores doutrinários, 34
 - 3.1.2.4 Fatores eclesiásticos, 34
 - 3.1.2.5 Fatores de base moral, 35
 - 3.1.2.6 Fatores de base espiritual, 37
 - 3.1.3 Barreiras à disciplina eclesiástica, 38
 - 3.2 Formas de disciplina eclesiástica, 40
 - 3.2.1 Disciplina preventiva, 40
 - 3.2.2 Disciplina terapêutica, 42
 - 3.2.3 Disciplina cirúrgica, 43
4. RESTAURAÇÃO COMO OBJETIVO DA DISCIPLINA ECLESIASTICA, 46
 - 4.1 Bases da disciplina restauradora, 47
 - 4.1.1 A base da disciplina é pessoal, 47
 - 4.1.2 A base da disciplina é comunitária, 48
 - 4.1.3 A base da disciplina deve visar objetivos concretos, 49
 - 4.1.4 A base da disciplina deve possuir autoridade, 50
 - 4.1.5 A base da disciplina deve ser o perdão e o discernimento moral, 51
 - 4.2 Restaurando os caídos, 52

- 4.2.1 Para que o caído seja restaurado é preciso evitar a sacralização, 52
- 4.2.2 Para que o caído seja restaurado é preciso que haja amor, 53
- 4.2.3 Para que o caído seja restaurado é preciso que a igreja seja lugar de liberdade, 54
- 4.3 Restaurando os excluídos, 56
 - 4.3.1 Estado do excluído, 57
 - 4.3.2 Formas de restauração do excluído, 58
 - 4.3.3 Condições para a restauração dos excluídos, 60
- 5. CONCLUSÃO, 61
- 6. NOTAS DE REFERÊNCIA
- 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RESUMO

A disciplina eclesiástica é praticada por muitas igrejas de forma errada, pois carecem de um enfoque mais bíblico e prático para os nossos dias. O primeiro capítulo aborda o conceito de disciplina em Jesus Cristo, nos apóstolos e em Paulo, pois com uma base bíblica é que podemos evitar os erros de interpretações muito comum em nossos dias. O segundo capítulo analisa a disciplina eclesiástica usada nas igrejas de hoje, avaliando o seu objetivo, razão, barreiras e formas, para que as igrejas revejam o modo como esse assunto é tratado hoje. No terceiro capítulo a restauração é vista como objetivo da disciplina eclesiástica, tanto dos caídos como dos excluídos, para que isso aconteça é preciso que as igrejas de hoje assumam o desafio de serem comunidades de restauração e não de amputações.

1. INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje as igrejas evangélicas têm se esforçado cada vez mais para viver de acordo com os padrões ensinados por Jesus e seus discípulos, conforme registrados no Novo Testamento. Porém, muitas vezes não têm atingido o padrão bíblico exigido. É uma das áreas que mais manifesta essa distância do ideal divino é a aplicação da disciplina na igreja.

Algumas igrejas que pouco se preocupam com o assunto exercem a "disciplina da indiferença", deixando por conta de cada membro o tipo de comportamento dentro e fora da comunidade cristã. Outras são experts na "disciplina excomunicatória", expulsando do seu rol de membros todos aqueles que não frequentam regularmente os cultos, os que cometem pecados "essenciais", na maioria dos casos de natureza sexual ou por motivos puramente pessoais ou políticos. Outras igrejas assumem uma postura "legalista", nas quais muitas vezes o cristianismo se torna meramente uma soma de mandamentos, que os que sempre negativos, não deixando que os seus membros tomem decisões éticas à luz de sua própria consciência e da Palavra de Deus.

Diante de tal quadro que revela que há igrejas batistas brasileiras que expulsam um número de pessoas quase igual ao que elas batizam, o autor tem como objetivo levar as igrejas de hoje, tanto pastores como membros a reconhecerem um tipo de disciplina bíblica que deve ser restaurada, logo, mesmo batistas no Brasil evangélico.

O autor parte do propósito de se voltar ao Novo Testamento para

buscar o conceito bíblico de disciplina eclesiástica, para que se faça uma avaliação e comparação com o modo usado atualmente. Por isso o segundo propósito visa a caracterizar o modo como a disciplina eclesiástica nos nossos dias é praticada, destacando três formas: disciplina preventiva, disciplina terapêutica e disciplina cirúrgica. Sendo a mais usada a cirúrgica. Por último aborda as bases da disciplina restauradora, tanto para os que caíram em pecados tanto quanto aos que estão afastados do seio da igreja.

O presente trabalho abordou mais questões reflexivas e teóricas, deixando de lado exemplos concretos, pois visa ao leitor fazer a contextualização para a forma como a disciplina é usada na sua igreja.

O método utilizado pela presente pesquisa foi o conceito-prática. Baseado nas conclusões de cada abordagem o autor mostrou as implicações para a reavaliação das formas de disciplina.

O autor tem como contribuição uma forma mais bíblica e desafiadora, ao contrário do que é visto hoje, logo uma volta ao conceito bíblico de restauração. "A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumega, em verdade produzirá o juízo." (Is. 42.3).

2. CONCEITO DE DISCIPLINA NO N.T.

Antes de entrarmos nas discussões de causas e formas de disciplina eclesiástica, é necessário que tenhamos alguma idéia do que vem a ser disciplina no seio da comunidade cristã. E nada mais coerente do que tirarmos esses conceitos do Novo Testamento, através dessas passagens bíblicas teremos a idéia do que vem a ser disciplina para podermos, através dessas conclusões avaliarmos se a disciplina que as nossas igrejas praticam hoje tem a ver em essência com a disciplina do Novo Testamento, de onde vem todos os nossos fundamentos de doutrina e prática eclesiástica.

2.1 Disciplina no conceito de Jesus

Através dos ensinamentos de Jesus e de seu exemplo tiramos as bases para a nossa vida cristã, não seria diferente a respeito da disciplina, através dos evangelhos, Jesus nos mostra alguns conceitos de disciplina que são de extrema importância para a comunidade cristã.

Como disse João Calvino, há mais de 300 anos atrás:

...Se nenhuma sociedade, se nem mesmo um lar, por menor que seja a família, pode ser mantido adequadamente sem disciplina, esta é muito mais necessária na igreja, onde se deve manter o máximo de ordem possível...¹

2.1.1 Conceito de fazer discípulo. Disciplina, segundo os vocábulos cognatos "discípulo" e "fazer discípulo", tem sua idéia original, como a raiz do grego indica, na prática da antigüidade de de um aluno seguir um mestre ou pensador.²

Johannes M. Rottmann nos diz:

Esse termo indica, em primeiro lugar, alguém que segue a instrução, a doutrina de um mestre-ensinador, portanto, um aluno que aceita aquilo que seu mestre propõe.³

Daí podemos definir disciplina como sendo a ação, ou melhor ainda, a disposição de uma pessoa de agir em conformidade com o padrão proposto por seu mestre. Disciplina cristã significa, assim, em primeiro lugar, seguir os caminhos traçados pelo Mestre Jesus Cristo.

No livro de Atos, os crentes são chamados "discípulos", alunos, não numa escola, mas leais seguidores que procuravam conhecer a prática e filosofia de Jesus.

Russell Shedd sobre isso nos diz:

O vocábulo "fazer discípulo" (*matheteuo*) deve ser comparado com "mestre" (*didaskalos*) e "ensino" (*didaskalia*) em Mateus 28.20. O discípulo almeja aprender fatos, entender idéias, ganhar uma nova cosmovisão como qualquer aluno. Mas apenas quando tem um compromisso de vida com o mestre, num sentido global, é que o estudante passa a ser um discípulo (cf. Lc. 14.26-33).⁴

Segundo esse conceito, foi essa a disciplina utilizada por Jesus com os "doze", uma disciplina de fazer discípulos, para que os "doze" também fizessem discípulos moldados no conceito primordial de Jesus Cristo. A disciplina então dá a impressão de formar uma pessoa em conformidade com o caráter e mente do mestre. Paulo diz aos Efésios: "Não foi assim que aprendeste (*emathete*) de Cristo (literalmente, "fostes feitos discípulos de Cristo"), se é que de fato o tendes ouvido e nele fostes instruídos (*edidachthete*)" (Ef. 4.21).⁵

2.1.2 Conceito de ensino. Essencial na disciplina é o ensino (*didaskalia* e *didache*). Sem a transmissão de conhecimentos sobre quem é Jesus e quais as suas ordens (Mt. 28.20), como se esperaria obediência? Jesus gastou horas incomparáveis no ensino, instruindo seus discípulos nos princípios da vida abundante (Mt. 5-7) diretamente e por ações e parábolas (Mt. 13.11). Diferente das multidões que receberam instruções restritas.⁶

Para Johannes M. Rottmann:

Disciplina cristã, em primeiro lugar, significa admoestar, lembrar alguém fraternalmente com ele a sós, advertindo-o, sempre lembrando-o dos ensinamentos que Jesus nos ordenou a guardar.⁷

Após a ascensão de Jesus os apóstolos tornar-se-iam os substitutos de Jesus, como eles foram instruídos, passariam a instruir (At. 2.42), a palavra "doutrina" representa o grego *didache*, "ensino", "instrução". O ensino tinha importância singular para Jesus e os apóstolos. A igreja perecerá sem a devida instrução, não vale para discutir a disciplina da igreja se ela não for comunicada todos os ensinamentos de Deus. Pois o que a igreja sabe, crê e vive, fornecerá um quadro essencial para contrastar com o membro que não sabe, não crê e não vive de acordo com a vontade do seu Mestre.⁸

2.1.3 Conceito de exortação. Jesus Cristo designou o Espírito Santo, o *Parakletos* (encorajador, consolador, advogado, exortador, ajudante), substituto perfeito para sua presença física no meio dos discípulos (Jo. 14.16-18). Por ser Ele quem habita dentro do crente (v. 17), é mestre ímpar para "ensinar todas as coisas" e fazer lembrar de tudo o que Jesus tinha dito (Jo. 14.26). Sua exortação nunca deve faltar a qualquer membro da

igreja. Ele tem a incumbência de guiar os discípulos através da exortação.

Segundo o Dicionário de Teologia, exortar significa:

Exercer influência sobre a vontade e as decisões de outrem com o intuito de conduzi-lo a um padrão de comportamento geralmente aceito, enconrajá-lo a observar certas instruções. A exortação sempre pressupõe algum conhecimento prévio. Consiste em lembrar uma pessoa disto, com a intenção de que o leve a efeito... Abrangem-se o conhecimento, a emoção e a vontade.⁹

Em Mt. 18.15 Cristo pressupõe um caso em que um irmão sabe de um pecado grave em que vive outro membro do corpo de Cristo. Segundo a instrução do Mestre, o primeiro irmão tem então o dever de tentar corrigir o erro do outro através da exortação. O verbo empregado por Jesus, "elencho" (no imperativo do aoristo "elengson"), significa "reprovar uma conduta errada, repreender, censurar, advertir, admoestar, exortar". A exortação deve ser feita a sós. O texto é bem explícito "reprova-o entre ti e ele, a sós."¹⁰

É melhor que, em primeira instância, ninguém saiba do caso, pois a publicidade atrapalha e causa mexericos, e também se no caso de você estiver equivocado evitará a difamação pública do irmão.¹⁰

Segundo Ken Blue, o que pode acontecer se você obedece a Cristo exortar o seu irmão é:

- 1) ele pode admitir o erro, mas insistir que é apenas assunto dele;
- 2) ele pode admitir o erro e pedir a sua ajuda para o problema, abrindo assim a porta para a reconciliação;
- 3) ele pode admitir o erro e livremente arrepender-se, alcançando neste caso a reconciliação;
- 4) ele poderia negar o erro e satis-

fazer você completamente lhe convencendo sobre o mal-entendido, novamente trazendo a reconciliação; 5) ele pode mentir de tal maneira que você perceba que ele mente; 6) ele pode negar a acusação e deixar você em dúvida; 7) ele pode recusar-se a discutir o assunto.¹²

2.1.4 Disciplina da mulher adúltera. Em João 8.1-11 mostra uma ocasião onde Jesus é confrontado quando os responsáveis pela santidade do povo judeu descobriram uma mulher em flagrante adultério. Através da questão da disciplina queriam por Jesus em oposição a Moisés, para com isso conseguir a desaprovação do povo em relação a Jesus.

Segundo Dr. Russell P. Shedd, no livro *Disciplina na Igreja*, as conclusões tiradas do texto são:

O silêncio de Jesus enquanto escrevia com o dedo na areia, seguido pelo desaparecimento dos legalistas e fariseus após o mestre levantar a dúvida quanto a quem caberia a lançar a primeira pedra, nos deve persuadir claramente de que tipo de disciplina Jesus exercia na sua "igreja".¹³

Russell Shedd então argumenta que Jesus não separa santos dentre pecadores, que na sua posição de único sacrifício perfeito oferecido para cancelar todo o pecado, pois isso o seu poder de outorgar pleno perdão aos piores pecadores, pois ele suspende a condenação da lei criando uma nova época na sua pessoa; Jesus não explicou o que significa sua exigência: "Desde agora (apostou nun) não peques mais", mas podemos supor que ele na abre espaço para nenhuma antinomia.¹⁴

2.1.5 A disciplina de Pedro. Pedro também experimenta a disciplina restauradora do Mestre. Depois do trato brusco que Jesus lhe estendeu quando Pedro tencionava Jesus a desviar-se da cruz

(Mc. 8.32-33), após a negação tríplice no jardim do sumo sacerdote (Mc. 14.66-72), o Senhor oferece-lhe a disciplina.

Inicialmente Jesus procurou despertar no coração de Pedro a auto-consciência de sua fraqueza. Como todo passo na direção da maturidade, a disciplina deve sensibilizar o crente a respeito da inconstância da carne. Jesus o adverte da intenção de Satanás, com o perigo da sua fé desfalecer (Lc. 22.31-34).

Ao manejar a restauração de Pedro, Jesus mostra que o seu arrependimento por tê-lo negado foi suficiente para ele, apesar da seriedade da apostasia ele é integrado ao ministério novamente (Mt. 26.74; Lc. 22.32,62). Pedro não precisou de longos anos de penitência para voltar à comunhão, nem prolongado período de afastamento das rédeas da liderança, descobrimos portanto na disciplina de Jesus, a sua singular prontidão para perdoar e restabelecer os que de coração o amam e se afastam da iniquidade.

Russell Shedd sobre isso os diz:

Igualmente, devemos deparar com a grandeza da graça de Deus, apagando completamente os vestígios da culpa. Sem hesitações, o apóstolo retomou as rédeas da liderança. Haveria hoje igual prontidão para restabelecer um pastor arrependido? É necessário sempre apontar as cicatrizes das falhas e pecados dos líderes de modo a manter sempre longe da liderança um Davi que adulterou e matou, mas também escreveu o Salmo 51? Evidentemente nós não temos o acesso aos segredos profundos do coração, nem temos sempre meios de testar a sinceridade da reconciliação, pelo menos não em poucos dias ou meses.¹⁵

2.2 A disciplina dos apóstolos

Os apóstolos foram testemunhas oculares do ministério de Jesus, e durante três anos aprenderam várias lições e uma delas com certeza se relaciona a disciplina. Analisamos então como a influência de Jesus foi importante para o conceito de disciplina dos apóstolos e o modo como eles a praticavam.

2.2.1 A disciplina de Ananias e Safira (Atos 5.1-11). O livro de Atos nos oferece um caso dramático de disciplina. Ananias e Safira, dois membros da nova igreja vendem suas propriedades, sendo que uma parte do preço foi retirada por causa duma sugestão satânica, o resto foi dado para a igreja. Porém, Pedro considerou essa hipocrisia do casal um grande pecado, pois Ananias mentira contra Deus e o Espírito Santo e Safira tentara o Espírito Santo do Senhor.

Pedro deixa claro que não havia, da parte de Deus, nenhum constrangimento ou obrigação de dar todo ou mesmo uma parte do valor da propriedade. Logo, o pecado de Ananias e Safira foi tentar iludir a igreja, dizendo que estavam oferecendo todo o preço da propriedade, quando na verdade sua oferta foi apenas uma parte.

"O que nos surpreende sobremaneira é o castigo divino, aparentemente extremado".¹⁶ Por causa de uma mentira dois membros são mortos, apesar dessa disciplina suscitar várias perguntas Lucas não oferece explicação alguma. Alguns especularam que o casal não fosse regenerado, mas não é nada mais do que especulação, também a explicação de que se continuassem na igreja introduziriam heresias devastadoras, não tem fundamento algum do texto.

Porém, apesar das especulações do motivo de Deus para tamanho castigo vemos que o efeito produzido foi um grande temor de Deus (At. 5.11). "Significa que outros membros, que contemplavam esconder dos seus irmãos algum pecado, não tinham mais coragem para fazê-lo."¹⁷ E da parte dos não-crentes houve receio de unir-se a comunidade cristã (v. 13). "Porque perceberam o perigo do poder sobrenatural a operar no meio da igreja de forma julgadora e não beneficentemente."¹⁸

Pedro demonstra uma perfeita integração com o Espírito Santo, sendo que o castigo foi educativo, a igreja foi disciplinada pelo Senhor, ainda que Pedro foi o instrumento visível que trouxe a palavra de Juízo.

2.2.2 A disciplina de Simão, o mágico (Atos 8). Outra disciplina relacionada com os apóstolos e demonstrado da comunidade de Samaria. Pedro e João se deparam com um mágico chamado Simão que "abraçou a fé" e foi batizado. Quando porém ele viu que pela imposição de mãos dos apóstolos, o povo recebia o Espírito Santo ele quis comprar a mesma autoridade. "Exousia não significa poder no sentido de *dunamis*, mas "direito" ou "autorização" para conceder o Espírito."⁸

Pedro então ordena: 1) arrependimento da maldade contemplada e 2) oração, pedindo perdão pelo "intento do coração". Pedro reconhece novamente pela integração com o Espírito Santo que Simão ainda não tinha se convertido, estando no "fel da amargura" e amarrado pelo "laço da iniquidade" (v.23).

Simão então reconhece o seu pecado e pede para que os apóstolos intercedessem por ele para que nada do que Pedro falava acontecesse (v.24).

Podemos tirar que a terrível denuncia, incluindo também um apelo para o arrependimento por parte de Pedro, não nos oferece modelo para disciplinar aqueles que por causa de erros simples da compreensão do evangelho falam de coisas heréticas ou inconvenientes. Pedro trata Simão, não como ovelha perdida, mas como lobo disfarçado.²⁰

2.2.3 A disciplina em I João 5.16,17. As Epístolas de João oferecem outros exemplos de disciplina. O seu conselho é para que os leitores das igrejas da Ásia distingüam entre dois tipos de pecado. "Pecado para a morte tendo sido cometido por um irmão (v. 16) se refere a apostasia".²¹

Russell Shedd sobre esses "cristãos" nos informa que:

1) Não admitiam a realidade do pecado (1.8), portanto não deixavam de praticar todo e qualquer maldade que suas concupiscências desejavam (2.4). Amavam ao mundo dominado pelas trevas (2.15-17). 2) Não sentiam nenhuma obrigação de demonstrar amor aos seus "irmãos" cristãos (3.14-17). A união da igreja não passava de teoria, se chegou a isso. 3) Não criam na realidade na encarnação, morte, e ressurreição corporal de Cristo (cf. 2.22; 4.2; 5.5-8; 2Jo.7). Para eles o Filho de Deus não se tornou homem, mas houve apenas uma junção como homem Jesus no seu batismo, e afastamento na crucificação.²²

Esse pecado para a morte João recomenda que nem se ore, pois o julgamento desse pecado é a morte, não só física como espiritual, a chamada segunda morte.

O outro tipo de pecado é o "não para morte". Inclui toda iniquidade de cristãos genuínos que não se apostatam da fé. Esses pecados alcançam o perdão com a confissão e arrependimento. "Não é suficiente um arrependimento íntimo apenas, mas público, incluindo pelo menos a liderança da comunidade."²³

João enfatiza uma disciplina no sentido de evitar o contato pela oração e pela comunhão com aqueles que declaradamente se opõem à sua doutrina cristã. Parece que Deus permite aos que praticam a maldade permanecerem na proximidade para que façam contraste com os que vivem na doutrina. A tentação e a prova servem para amadurecimento da igreja.²⁴

2.3 A disciplina de Paulo

Paulo é um dos escritores bíblicos que mais aborda o tema da disciplina. Seja para orientar jovens ministros como Timóteo e Tito, ou seja, para orientar igrejas, a disciplina sempre aparece por ser um assunto da qual depende a saúde da igreja e do corpo de Cristo.

2.3.1 O conselho de Paulo a Timóteo sobre disciplina. No capítulo 5 de Timóteo Paulo orienta a Timóteo sobre vários assuntos, sendo que no v. 20 dá um conselho acerca dos que "vivem no pecado". Timóteo é mandado repreender como parte de seu ministério pastoral, o motivo para tentar levar pecadores dentro da igreja ao arrependimento e para que todos tenham. "Nota-se no texto de Paulo o participio do presente do verbo pecar (*hamartánontas*) que significa ação contínua".²⁵ Paulo aconselha a Timóteo para que ao serem portadores da palavra de Deus para "disciplinando (*paideuonta*) com mansidão os que se

opõem" (2Tm. 2.25). Advertindo a evitar toda "contenda de palavras que para nada aproveitam" (2.14), mas apenas subvertem os que as escutam. Timóteo deve ser cuidadoso não fazendo nada para produzir vergonha, "maneja bem (*orthotomounta*, "cortando um caminho certo") a palavra da verdade".²⁶

Evidentemente o modo de conseguir correção do erro vem pelo devido uso da Palavra de Deus. Corrigir requer uma aplicação acertada ao pecado, para em seguida mostrar como se pode corresponder à vontade perfeita do Senhor. Este processo, muito negligenciado, chamado aplicação está no ensino do apóstolo, produzindo assim uma volta ao caminho de Deus.

2.3.2 A disciplina na Igreja de Corinto (I Cor. 5.1-8). Um membro da igreja de Corinto praticou um tipo de pecado altamente repugnante, vivendo incestuosamente com a mulher de seu pai (talvez uma madrasta viúva). Mesmo no mundo grego romano caracterizado pela tolerância moral, tal prática era extremamente ofensiva. Ainda que, apesar de no rol de membros da igreja terem alguns que antes foram "impuros, idólatras, adúlteros, efeminados, sodomitas, ladrões, avarentos, bêbados, maldizentes e roubadores". Paulo não cogitou a possibilidade deles continuarem "depois de Cristo" a vida que tinham "antes de Cristo". O incesto era condenado tanto por judeus como pelos romanos.

A luxúria é definida pelo apóstolo nas palavras "*gynaika tou patrós echein*" (possuir a mulher do pai). Além de ser proibida uma tal união pelas leis civis do império romano, foi expressamente proibida pela lei do Antigo Testamento (Lv. 18.8). O concílio de Jerusalém expressamente menciona a "pornéia" não pode ser tolerada entre cristãos.²⁷ (At. 15.20).

Os coríntios em lugar de horror, ficaram ensobrecidos; o homem incestuoso pecou e seu pecado foi um escândalo maior para o mundo do que para os "santos". Com certeza todo pecado que choca o mundo não deve ser tolerado na igreja, muito menos encorajado. "Quando a igreja de Deus tem menor sensibilidade para a presença da iniquidade que o mundo sem Deus, só a cirurgia radical ou um novo começo resolverá tal estado de cousas".²⁸

Se a congregação não tomar medidas adequadas, ela se torna participante, se bem que passiva da culpa do pecador manifesto.

A exclusão do pecador foi a sugestão previamente passada por Paulo. A respeito dessa atitude Russell Shedd escreve:

A excomunhão dum membro do Corpo de Cristo em Corinto, não deve ser realizada por uma decisão tomada por um ditador em Éfeso, mesmo sendo aquele o apóstolo Paulo. A própria igreja reunida "em nome do Senhor" (oficialmente reconhecendo sua submissão à Cabeça) com o "espírito" do apóstolo (porque Paulo não podia estar presente em corpo), deve seguramente entregar o iníquo à Satanás... Deve ser ação pública e oficial para que ambos, igreja e mundo, possam reconhecer que o irmão não deve ser mais considerado irmão; está morto para a comunidade.²⁹

A decisão a ser tomada deve se ter em mente não só o lado de uma só pessoa mas de toda a igreja que certamente se não fizer nada se tornará participante do ato do pecado.

2.3.3 A disciplina de Paulo aos hereges. Um motivo no qual Paulo se detém é acerca da disciplina no caso da doutrina falsa, capaz de derrubar a igreja.

Em Gálatas 1.9 diz: "Se alguém vos pregar evangelho que vá além daquele que recebeste, seja anátema". Paulo pergunta: "Quem vos fascinou?" "Ebaskanein, palavra que denota o emprego de poder demoníaco".³⁰

Anátema quer dizer "ser separado de Cristo". Não explica se esta separação seria temporária ou permanente.

Paulo não manda que as igrejas dos Gálatas organizem um concílio para determinar quem merecia o anátema. Pode ser que Paulo lançava esta responsabilidade nas mãos de Deus como fica óbvio em 1Co. 16.22: "Se alguém não ama ao Senhor, seja anátema". A quem faltar o amor ao Senhor que o amou e se entregou por ele, evidentemente não recebeu o Espírito de Deus que derrama o amor de Deus em "nossos corações". Os coríntios foram encorajados a passar por um auto-exame para saber se realmente estavam na fé (2Co. 13.15). A igreja sofre ataques vindos do mundo, como os que surgem dentro de si mesma. O exame, feito regularmente à luz das Escrituras para comprovar se cada membro é genuíno, será o caminho mais proveitoso a seguir.

A separação é necessária segundo Paulo pois lhes era proibido criar um jugo desigual com incrédulos (2Co. 6.14), falta real comunhão entre a luz e as trevas; e não é possível juntar Cristo com o maligno, nem crente com incrédulos.

A igreja de Cristo forma o "Santuário de Deus vivente", providenciando para Ele um local no mundo para habitar, através do seu povo, a pureza da igreja deve ser almejada. Por isso Paulo orienta o povo de Deus a sair de qualquer igreja em que seu

testemunho seja comprometido com o caráter e ensino do Diabo (2Co. 6.17).³¹

Em Romanos 16.17-18 Paulo alerta para que os cristãos de Roma estejam atentos para os provocadores, hereges que estavam tentando criar "*dichostasias kai skandala*" (dissensões e escândalos), significando colocar à parte, fazer separar-se. Criavam também "*skandala*", ciladas que levam a uma armadilha que conduz a morte.

Essas doutrinas destes falsos mestres que apareceram em Roma são contrárias à doutrina que recebestes. "É significativo que o apóstolo emprega o singular quando fala da doutrina, *ten didachen*. Existe só uma verdadeira doutrina apostólica. Quando, contudo, fala da atividade dos intrusos, Paulo usa o plural: são dissoluções, são escândalos que eles provocam."³²

O que fazer então? O conselho de Paulo aos romanos é o mesmo que deu aos coríntios: "afastai-vos deles". Para a disciplina cristã, isso significa que a congregação não pode permitir no seu meio alguém ou alguns que são provocadores de dissensões e escândalos contra a doutrina que recebeu e aceitou.

3. DISCIPLINA ECLESIASTICA USADA NAS IGREJAS DE HOJE

Depois de se deter em um só capítulo para definir e descobrir os preceitos de disciplina eclesiástica, neste capítulo determinarei como a disciplina eclesiástica está sendo usada nas igrejas de hoje. Para isso irei abordar os motivos, formas e prática da disciplina em nossas igrejas, avaliando até que ponto estamos de acordo com os preceitos do Novo Testamento.

3.1 Análise da disciplina eclesiástica nos dias de hoje

Para entender melhor como a disciplina eclesiástica deve ser exercida nos dias de hoje, é preciso que antes façamos uma análise, ou seja qual o objetivo da prática da disciplina eclesiástica e quais os cuidados que se deve ter para o uso da disciplina.

3.1.1 Objetivos da disciplina eclesiástica. A disciplina da igreja não é opcional, mas obrigatória trata-se de algo imprescindível se quisermos obedecermos às Escrituras.

Segundo Don Baker em Além do Perdão:

Qualquer forma de disciplina, seja ela uma simples advertência ou o ato final de exclusão, deve ser sempre encarada como parte do processo total de restauração. O alvo da disciplina não é a exclusão, mas a restauração.¹

Nós crentes, apesar de todos os preceitos e aspirações por uma vida santa, percebemos em geral o quanto somos falhos. Porém essas falhas exigem encorajamento, conselho e advertência amáveis, bem como arrependimento, mas não requerem disciplina severa.

A disciplina envolvendo toda a igreja não é necessária e nem séria se todos cumpríssemos a auto-disciplina, ou a maturidade cristã.

Segundo Edward James Farris, os atributos de auto-disciplina são:

1. Firmeza na leitura da Bíblia; 2. Envolvimento ativo na vida da Igreja; 3. Freqüência constante na Igreja; 4. Desenvolvimento da sensibilidade da vontade de Deus. O crente desenvolve a capacidade de decidir por si mesmo como agir de acordo com a vontade de Deus sem pressão externa.²

Então, a disciplina envolvendo toda a igreja e para quando o crente não exerce sua auto-disciplina e quando seus pecados obscurecem a verdade, levantam suspeitas sobre o caráter de Deus, ou obstruem os propósitos dele. Usada só depois da primeira e segunda vez que a igreja se comunicar com o crente errante.

Segundo John Driver no livro *Contra Corrente*:

1. O exercício de uma disciplina evangélica no sentido de ligar e desligar, é um elemento fundamental para a própria definição da igreja; 2. O processo congregacional de disciplina proporciona a ocasião para discernir a vontade de Deus. É o contexto da interpretação bíblica na igreja; 3. De acordo com esse ponto de vista, concebe-se a congregação em categorias, mais do que estáticas, e defini-se a igreja em termos do processo congregacional de tomar decisões na presença do Espírito do Senhor, visando a maior fidelidade e obediência.³

Em sua forma clássica, o conceito reformado da disciplina eclesiástica chegou a manifestar-se no puritanismo, que na prática se preocupava mais em conservar o bom nome da igreja e suas regras do que em restaurar o ofensor. Tendia-se a

generalizar as regras para aplicá-las de forma imparcial a todo mundo. Assim, o exercício da disciplina despersonalizou-se sendo efetivado por um oficial autorizado pela igreja. Em contraste com a ordem apresentada em Mt.18:15-20, a iniciativa é tomada por alguma autoridade da igreja, assumindo-se que a desobediência das regras requer algum castigo.⁴ Esse tipo de disciplina também, e muito freqüentemente nos dias de hoje, sendo que esse conceito de disciplina não se encontra orientado em torno das relações mútuas da comunidade cristã, mas na aplicação seguinte das regras e dos castigos correspondentes.

A disciplina eclesiástica assim tem basicamente um objetivo "pastoral", com a finalidade de ganhar o irmão. Em vez de pretender castigá-lo ou pô-lo como exemplo para os outros, convida-se a pessoa a arrepender-se para seu próprio bem. Quando a admoestação fraterna é praticada segundo a regra de Cristo e em seu Espírito, evita-se o perigo do legalismo, assim como da ortodoxia estéril.⁵ Evita-se também que a própria congregação se converta em autoridade. Nessa perspectiva, vemos que o perdão dos pecados é uma realidade social, tanto quanto espiritual. E o perdão autêntico ocorre apenas na igreja. A reconciliação com Deus e com os irmãos e irmãs é experimentada no núcleo comunitário.

Todo o pecado, cuja prática incessante, prejudique a obra de Deus, confundido ou dividindo o corpo, exige a disciplina da Igreja. Logo os objetivos da disciplina eclesiástica são segundo Edward James Farris no livro com tratar das exclusões:

- A) Ganhar o irmão.
 - 1. O arrependimento de um irmão
 - 2. A restauração de um irmão
- B) Proteger a Igreja
 - 1. Contra influências corruptas do mundo

- a) nas áreas morais
- b) na comunhão quebrada na igreja
- 2. Contra impurezas doutrinárias
 - a) na área espiritual
 - b) na área de doutrina herética
 - c) Manter o testemunho da igreja.⁶

Segundo João Falcão Sobrinho, os objetivos são:

1. Instruir o discípulo para que desenvolva o seu caráter de modo a alcançar a plena maturidade em Cristo, segundo o padrão Jesus; equipar o discípulo de Cristo de discernimento e vontade própria para tomar decisões amadurecidas e agir com Cristo.
2. Fortalecimento e aperfeiçoamento da vida cristã pessoal dos salvos.
3. Preservar a identidade característica da igreja. Sem disciplina, a Igreja perde sua identidade e portanto, sua relevância.
4. Capacitação da Igreja para a sua missão de testemunho (evangelismo e missões), de modo a produzir o maior resultado efetivo possível.
5. Preservação da igreja a volta do Senhor. Há um sentido de esperança na disciplina da igreja. A noiva que espera pelo noivo deve se preparar.⁷

3.1.2 Razões para a disciplina eclesiástica. A aplicação da disciplina deve ter razões sérias. Jamais deve relaxar-se, há igrejas que aplicam sanções constantemente por razões pouco importantes, como: ter televisão em casa, algum irmão foi assistir jogo de futebol, uma mulher usar brincos ou adornos e coisas semelhantes. Por isso devemos reconhecer que o fator cultura, falta de maturidade espiritual e diferença de meio ambiente geram uma grande variedade de opiniões sobre os ensinamentos de menor importância.

Com certeza nas igrejas aparecem sérios casos de pecado que requerem uma ação imediata e firme. De acordo com Alberto Barrientos:

Muitas vezes, é preferível perder, se for o caso, uma ou várias pessoas ao mesmo tempo, do que deixar que uma igreja inteira se corrompa e depois não possa se endireitar.⁸

A Bíblia apresenta várias razões para o uso da disciplina:

A) Pecados morais: Ex. 20.14; Dt. 5.18; Mt. 5.27; 19.19; Lc. 18.20; 1Cor.5; At.15.20; 1Cor. 6.13; 10.18; Tg. 2.11. Sendo que nos estatutos da igreja indica que são razões de procedimento moral e social.

B) Abandonar a igreja: Hb. 10.23; 2Tm. 4.12; 2Ts. 2.13. Nos estatutos da igreja a pessoa pode ser abandonada por ausência prolongada sem justificação, ou até excluída no caso de arrolar-se em uma outra denominação ou igreja que não seja batista.

C) Mal testemunho: Mt. 5.13-15; 1Jo. 2.6. Nos estatutos isso é a negação da fé cristã.

D) Outras razões justificadas: 1) Ofensas pessoais, ou seja, a quebra da comunhão e harmonia da igreja; 2) Ofensas contra a moral ou doutrina das Escrituras, tais como: adultério, idolatria, maledicência, avareza, bebedice, roubo, sodomia, feitiçaria, contendas, ciúmes, iras, facções, partidos e orgias.⁹

Pecados que denegridem o nosso caráter e deformam a imagem da santidade de Deus. A impureza, a perversão, cobiça e idolatria impossibilitam que se veja Deus na vida de seus filhos. Esses pecados provocam fraqueza espiritual no corpo de Cristo, todo o pecado cuja prática incensante obscureça uma das verdades fundamentais da Palavra de Deus, exige a disciplina

eclesiástica. Todo o pecado, cuja prática incensante prejudique a obra de Deus, confundindo ou dividindo a igreja, exige a disciplina. Todo o pecado cuja prática incensante ofusca o caráter santo de Deus exige a disciplina.¹⁰

As razões para a disciplina das nossas igrejas hoje muitas vezes age debaixo do legalismo desumano, segundo Naamã Mendes no livro Igreja Lugar de Vida:

O legalismo é violento; oprime e reprime os indivíduos sem lhes dar chance alguma. A maneira como a igreja disciplina seus membros é algo que fere os direitos mais simples do cidadão. Um legalismo ridículo e incoerente. Este legalismo envolve os critérios e normas para comportamentos, costumes, atitudes, sacralização de lugares e pessoas, etc.¹¹

Na maioria das igrejas as pessoas são excluídas porque tomaram um copo de cerveja, mas não o são quando mentem, sonegam impostos, exploram o irmão mais frágil, excluem os irmãos que têm televisão, jogam futebol, ou vão à praia, mas não excluem os irmãos quando estes agredem fisicamente suas esposas ou humilham verbal ou salarialmente seus empregados; excluem as mulheres porque usam calças compridas, vestidos sem manga, brincos, anéis, por depilarem suas pernas ou por cortarem os cabelos, mas não excluem os homens que usam bigodes impecavelmente amparados. Incrível não permitirem que homens usem barba (apesar de não haver nada mais bíblico que usar barba); aceitam entretanto, que seus membros sejam vaidosos ao ponto de usarem correntinha de ouro no peito, relógio Rolex no braço, terno Pierre Cardin e carro último tipo. O legalismo serve para aumentar conflitos, e mostrar a incoerência com que ele mesmo se arma.¹²

O legalismo agride, conhece todas as leis e desconhece a maior delas, o amor. Falsifica e inverte os valores. Acentua-se mais numa prática externa do que numa convicção interior. Materializa as regras ao invés de interiorizá-las. As regras tornam-se os absolutos. Quando estas regras são obedecidas com exatidão, o indivíduo torna-se "justo". A pessoa termina se confundindo com as regras e atitudes que pratica. Esse tipo de disciplina cuja a razão está baseada no legalismo exerce atração irresistível sobre as pessoas problemáticas, enfermas, neurotizadas, narcisistas, detalhistas, intransigentes, perfeccionistas. Em resumo, gera preconceito, ridiculariza o evangelho, privilegia a incoerência, descaracteriza o ser humano, impede o homem de ganhar maturidade e de ser dirigido pela graça e pelos princípios de Deus. Gera uma caricatura do que é ser cristão e conseqüentemente do que é ser a Igreja de Cristo.¹³

Outras razões determinantes para a disciplina são divididas em fatores.

3.1.2.1 Fatores sócio-econômicos. As migrações internas e mudanças de residência compõem com maior contingente de causas de exclusões. Famílias inteiras se mudam de uma cidade para outra, de um bairro para outro, e não se adaptam ou não são bem recebidas pelas igrejas próximas às suas novas residências.

A ascensão econômica e cultura também é uma das causas de disciplina. Famílias que se mudam não à procura de empregos ou escola, mas porque estão subindo economicamente, revelam então

a formar hábitos sociais por influência do novo meio em que estão vivendo.

Os problemas conjugais também tem sido causas de exclusões. Casamentos sem a necessária maturidade por parte dos cônjuges, acabam em fracasso atingindo, via de regra, a vida religiosa da família.

3.1.2.2 Fatores religiosos. Falta de conversão genuína. Conversões incompletas, ou seja, que se passam esfera dos interesses e das emoções que não chegam ao coração. Há ainda um grande número de pessoas que passam por processo de aprendizado mental mas não chegaram a uma experiência de conversão real. As conversões que se firmam em frutífera experiência cristã são as que resultam de uma decisão consciente, firmada na boa doutrina da Palavra de Deus.

3.1.2.3 Fatores doutrinários. Muitos crentes, por imaturidade espiritual, por falta de conhecimento da Bíblia ou mesmo por motivo de sua estrutura psicológico, são atraídos por outros grupos de doutrina, tendo que ser disciplinados.

3.1.2.4 Fatores eclesiásticas. Em primeiro lugar, uma visão distorcida do que seja disciplina eclesiástica é um dos fatores que mais tem contribuído para aumentar as razões para a disciplina. O modo como é usada, como instrumento de vingança, correção e intimidação, e não como um meio de aprimorar o caráter cristão de cada membro. Outro ponto negativo é a idéia da disciplina eclesiástica baseada nos interesses puro e simples da liderança e não da comunidade. Outras vezes, a simples falta de organização leva igrejas a perderem membros. O

pastor não tem o endereço dos membros atualizados, um crente começa a faltar, o pastor não tem o seu endereço para procurá-lo.¹⁴

3.1.2.5 Fatores de base moral. Interessante é notar que, em meio às transformações de comportamentos, a própria igreja de Jesus tem hoje um comportamento de certo modo confuso, mediante as influências exteriores. Ocorre que, devido a essa situação de perda de identidade moral, o alvo da igreja é desviado, na intenção de reconquistar a autoridade perdida. Para diminuir o conflito, estudos, pregações e até treinamentos bíblicos têm sido usados. Por vezes, os membros das igrejas têm sido acusados de púlpito sobre problemas morais, outras vezes, escandalizam-se pelas questões morais daqueles que têm assumido os púlpitos. A Bíblia passa a ser usada meramente como a esperança de solução moral para os crentes.

Afinal, não se pode reduzir a revelação bíblica a meros preceitos morais. Se este for o trajeto, cedo descobrir-se à que os envolvidos farão a graça nula e prender-se-ão nas teias das exigências legalistas do faça-não-faça.¹⁵

Exigir do crente um comportamento moral por meio da fustigação bíblica e gerar no meio evangélico um grupo de neuróticos e psicóticos, que não vão viver uma vida de decepção. Em meio a tanta imoralidade no presente momento histórico, é justa a preocupação de uma vida íntegra e condizente com os padrões estabelecidos por Deus em sua Palavra por parte de todos os seus filhos. Os objetivos expressados são indiscutivelmente, de supremo valor. Entretanto, o crente em Jesus que tentar estabelecer sua autoridade cristã por meros aspectos morais de

comportamento, não será diferente de um budista, ateu ou outro pertencente a qualquer grupo que tenta se impor por méritos pessoais.¹⁶

Apregoa-se de contínuo muitos aspectos bíblicos morais, sem, entretanto, fazer com que as pessoas descubram neles o seu real valor. Daí muitos terem um elevado conhecimento ético, mas adotarem uma degradante e nociva vida moral. A questão não é de conhecimento ético-moral, e sim da descoberta pessoal de seus valores.

Mas é a tendência de se exigir do cristão que ele seja nesta sociedade corrupta um padrão de moralidade, pelo simples fato de ser um membro de igreja. Por vezes a disciplina eclesiástica é aplicada a um crente em Jesus mais porque ele denegriu a imagem da organização, e menos porque ele feriu a santidade de Deus.¹⁷

Uma geração de crentes pressionados pelo medo das conseqüências da má ação moral (exclusão e isolamento) está sendo gerada. Os que desse grupo fazem parte, só não farão isso ou aquilo enquanto os olhos da igreja os estiverem alcançados. Mas ficariam perplexos certas igrejas, se pudessem ver além do que suas vistas alcançam. Quantos comportamentos errados, quantas vidas deturpadas pelo pecado, quantos crentes envolvidos com a corrupção. Dentre esses, a maioria é composta de corações profundamente desejosos de uma vida moral digna e honrosa. Porém continuarão ali, vivendo de aparências, ladeados pelo medo torcendo para que ninguém descubra seus erros, pois os que poderiam socorrê-los também carecem de socorro, de visão e de

ajuda, coisas que a mera religiosidade e sua moral não podem dar.

O fato é que algumas igrejas passam por uma crise de tratamento comportamento relativista, isto é, o adultério, por exemplo, recebe um tratamento de choque (exclusão na maioria das vezes), enquanto que sonegar impostos e taxas recebe no máximo, por parte de alguns, uma exortação consensual: "Olha, cuidado com isso, hem!" E só!

Já é tempo de dar um basta nos exercícios morais vestidos de ensinamentos bíblicos. O povo de Deus precisa é de conhecimento profundo ou da Palavra. Então, a vida moral ilibada será fruto conseqüente de uma busca voluntária, sob o impulso, o poder e a direção do Espírito Santo de Deus.¹⁸

3.1.2.6 Fatores de base espiritual. A igreja cristã corre o risco de estar sendo orientada pelos seus líderes a uma espiritualidade que se adquire pelo cumprimento de preceitos religiosos, ou seja, aquele que assiduamente participa dos cultos dominicais, não falta à Escola Bíblica, entrega regularmente os seus dízimos e ofertas, enfim, cumpre todos os preceitos estabelecidos pelo e para o grupo, é tido como o crente espiritual, exemplo para os demais.

Será que, de fato, tudo aquele que cumpre todas as exigências da rotina religiosa, ou pelo menos, boa parte dela, pode ser rotulada, sem sombra de dúvida, de espiritual? É o cumprimento das exigências da lei que reflete a espiritualidade de uma pessoa? É ela a sua medida? Pode a igreja está sendo enganada pelos cumpridores das "regras de espiritualidade"? São questões colocadas para incomodar o comodismo e para despertar a

consciência de todos aqueles que tem estabelecido padrões de espiritualidade ou que estão vivendo sob eles.

O que as igrejas precisam encarar, nos nossos dias, de modo sério e prioritário, é o padrão de espiritualidade que os seus membros estão seguindo, o que significa, conforme exposto acima, o modo de vida que se está vivendo.

Quando alguém tenta fazer da igreja uma escola de treinamento de espiritualidade, fatalmente cai nas malhas finas do moralismo legalista disfarçado de bênçãos espirituais. Espiritualidade é fruto de uma vivência a serviço da pessoa do Senhor Jesus, e resultado da disponibilidade à ação ou Espírito Santo; é o efeito, causado pelo agir que em todas as coisas glorifica a Deus em sua santidade.¹⁹

3.1.3 Barreiras à disciplina eclesiástica. Ao considerar o preço da disciplina da igreja, começamos a perceber as razões por que é tão mal aplicada. São várias as barreiras que dificultam, postergam, ou mesmo obstruem a prática da disciplina na Igreja.

Uma dessas barreiras é a acomodação. Disciplina dá trabalho, especialmente quando exercida com amor. Há ainda o comprometimento pessoal, familiar ou partidário dentro da igreja, falta compaixão, o esfriamento do amor a Cristo e a perda da identidade bíblica da própria igreja. "Quando os parâmetros do mundo vigem na conduta da igreja, a prática da disciplina vai se tornando inversamente proporcional à sua necessidade."²⁰

A evolução cultural pressiona a mudança de padrões éticos da igreja. A igreja entende que deve manter os seus princípios bíblicos, mas quando influências secularistas são postas como

barreiras à disciplina cristã, a igreja tem que se manter firme nos seus padrões mais elevado, para que não aconteça de que em vez de mudar o mundo, seja mudado por ele.

Falhamos quando esquecemos que é no treinamento que a disciplina começa. Quando treinamos o povo de Deus não podemos no limitar a sermões semanais, reuniões de oração e conferências missionárias ocasionais. Treinar em santidade deve ser inteiramente abrangente.²¹

Outra barreira é que muitas vezes as igrejas estão cegas pelos preconceitos de sua própria cultura. São produtos da cultura ocidental. O valor padrão que essa cultura implantou é o individualismo. São membros que se julgam auto-suficientes, o individualismo luta contra o exercício da disciplina na igreja. Ser membro do povo de Deus significa que nosso bem-estar físico e espiritual se torna assunto de meu irmão e seu bem-estar se torna assunto meu. Tais atitudes, porém, são estranhas à igreja ocidental, de modo que quando optamos pela disciplina bíblica, somos criticados.

Segundo John Stott:

Existem muitas razões contra a aplicação de disciplina mais rigorosa. O moderno esforço pela unidade da igreja; o ódio a toda intolerância (sem distinguir entre a intolerância justificada ao pecado e a intolerância errada de espírito); a noção enganosa que tal disciplina pública constitui evidência de orgulho, animosidade ou irritação, um horror a qualquer coisa que se assemelhe a reuniões de acusações pública... O receio de um escândalo público nestes tempos dos meios de comunicação de massa. esses e outros argumentos são usados para dificultar a restauração de uma disciplina adequada para a Igreja.²²

Outra barreira é porque as pessoas temem demais a honestidade de confessar os pecados uns aos outros. É difícil admitir fracassos e fraquezas, mas é menos difícil quando descobrimos que nossos irmãos e irmãs também são vulneráveis e necessitados, e que podem ser compreendidos.

Outra barreira, é medo de confrontar outros por suas possíveis más ações. Não é fácil falar a alguém sobre seus pecados. Quem gosta de confrontar alguém com um pecado pessoal? Mas será que a santidade do povo de Deus deve ser impedida pela nossa covardia e rosto vermelho?

Outra barreira é a tradição e o medo de mudança. Às vezes nos apegamos a certas tradições em nossas igrejas devido à segurança psicológica que inconscientemente inferimos delas. Nosso medo da disciplina se assemelha ao medo que Jesus provocou dos escribas e fariseus, medo de se afastarem radicalmente de suas tradições.²³

3.2 Formas de disciplina eclesiástica

Nesta parte estaremos tratando das formas de disciplina eclesiástica usada nas igrejas de hoje, avaliando os conceitos e métodos para assim termos uma visão mais prática de como as igrejas nos nossos dias tem exercido a disciplina eclesiástica.

3.2.1 Disciplina preventiva. A igreja deve ser continuamente instruída nas doutrinas do amor fraternal, do senhorio de Cristo, da pessoa e ação do espírito, dos dons espirituais, da santificação, da suficiência das Escrituras, do discipulado

cristão, da volta de Cristo, visando a ação preventiva do fortalecimento da fé para a sustentação da sua disciplina.²⁴

Deve ser criado na igreja um ambiente de perdão e reconciliação pela persistente proclamação do amor de Cristo.

Tratar de praticar a disciplina sem primeiramente estabelecer um compromisso com a "unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Ef. 4.3), provavelmente suscitará mais problemas do que resolverá.²⁵

O aconselhamento cristão deve prevenir e não apenas remediar situações depois de consumados os atos de indisciplina. O pastor e a equipe de conselheiros treinados devem estar sempre atentos a fim de detectar e dar tratamento aos problemas disciplinares, sempre que possível, antes que eles causem maiores sofrimentos e danos.

O treinamento constante dos crentes para o eficaz desempenho dos seus dons e talentos na obra do Senhor, será um fator altamente positivo na manutenção de elevados níveis de desempenho da disciplina. Pesa muito nas estatísticas o desânimo causado pela ociosidade.

São nos apresentadas quatro diretrizes para a prática da disciplina preventiva, que são:

1. Doutrinação com base na Palavra de Deus. Especialmente sobre a pessoa e o senhorio de Cristo, a santificação no Espírito, a graça de Deus.

2. Fervor evangelístico. A motivação para a disciplina eclesiástica é o ataque, não a defesa. Não se pratica a disciplina por amor à disciplina, mas por amor a Cristo e paixão pelos pecadores perdidos.

3. Comunhão fraternal. Confiança mútua é um fator real e efetivo na disciplina.

Um ambiente de amor deve ser criado na igreja, se desejamos que a disciplina seja eficaz nos seus resultados.

4. Zelo pastoral no aconselhamento. Quanto mais conselheiros bem equipados e disponíveis, mais eficaz será a disciplina preventiva. Os problemas de fé e conduta serão percebidos, diagnosticados e tratados precocemente.²⁷

3.2.2 Disciplina terapêutica. "Disciplina terapêutica é a ação de corrigir o crente apanhado em desvio de conduta."²⁸ A disciplina só será eficaz se for aplicada com amor, misericórdia e com o discernimento do Espírito na interpretação correta e global das Escrituras. O membro fraturado ou músculo deslocado não pode ficar sem a devida correção pois isso fatalmente causaria dano a outros membros, além de trazer sofrimento a todo o corpo. O custo da recuperação pode ser muita compaixão e paciência. Sempre que a disciplina é exercida com ira, no espírito de vingança contra o membro faltoso, retaliação familiar, partidatismo e projeções de sentimentos de culpa, os resultados são os piores.

O impulso motivador da disciplina terapêutica deve ser o desejo de recuperar o membro faltoso para a alegria da salvação.

"Quem pecou está em angústia de alma carecendo de consolação. Por estranho que pareça, uma pessoa pode praticar (e até simular) a quebra de um pacto moral, motivada pelo desejo inconsciente de receber atenção do seu grupo social."²⁹

É lógico que não podemos, sob nenhum pretexto, ser solidários

com o erro, mas temos que ser solidários com o irmão que errou e ajudá-lo a se erguer novamente. A disciplina bíblica deve favorecer o crescimento da igreja porque cria o clima e prepara o solo de tal maneira que a restauração surja espontaneamente. Onde existe um ambiente de aceitação e apoio mútuo, os membros praticam o ideal de suportar a todos os irmãos, sem fazer caso das diferenças, ou preferências, aparências e mesmo falhas deles.

Um clima de sorrisos, abraços, apresentações animadas deve ser o clima da igreja, para que não haja no ambiente da igreja solitários, estranhos e nem pessoas hostis e ressentidas.³⁰

3.2.3 Disciplina cirúrgica. É a exclusão ou eliminação de um membro faltoso irrecuperável ou que tenha dado lugar a um pecado que exija reparação para a restauração da alegria espiritual do faltoso e da paz da igreja.

Segundo João Falcão Sobrinho disciplina cirúrgica:

É um direito da igreja. Caso a recuperação de um membro faltoso se torne inviável ou impossível, ou ainda quando toda a ajuda de amor for rejeitada, (considera-o como gentio e publicano - Mt. 18.15-17). Exclusão não é disciplina pedagógica ou punitiva, mas um gesto de amor para com o membro faltoso e uma ação preventiva em favor da igreja.³¹

Exclusão jamais deve ser o primeiro passo a a ser tomado pela igreja para corrigir um membro faltoso. Na verdade exclusão é a última ação tomada pela igreja, isto mostra que disciplina eclesiástica é mais do que uma medida punitiva, ela é formativa e corretiva.

Infelizmente disciplina cirúrgica como está sendo empregada em

muitas igrejas cria uma "teologia de obras". Isto acontece quando um membro ativo da igreja peca. Ao apresentar-se à igreja para ser excluído, o membro está negando a si mesmo algo até ele pagar e depois quando ele merecer ser membro, está reconciliado. Se, neste caso, o homem se apresenta à igreja para ser excluído, evidentemente ele já reconhece que o pecado cometido é algo errado, e também provavelmente já se arrependeu ou caso contrário não apresentaria-se à igreja.³²

Exclusões devem ser reservadas para aqueles que se recusam a reconhecer o fato do seu pecado ou que não querem arrepende-se.

Algumas igrejas tem a opinião de que membros em falta de pecado grave devem ser aconselhados a pedir seu próprio desligamento da igreja, desde que concordem em fazê-lo. No caso de recusa, a Comissão especial nomeado pela Igreja deve dar o seu parecer, com a indicação mais clara possível dos motivos. Deve não haver prudência no registro dos desligamentos, levando em conta que as atas da igreja são documentos legais passíveis de serem invocadas em processos judiciais.³³

Existem igrejas cujo os métodos mais comuns consistem em:

1. Suspender a participação da Mesa do Senhor;
2. Impedir o exercício de qualquer caso;
3. Em caso extremo, excluir do rol de membros.

Há igrejas que determinam uma suspensão por três, seis, nove ou dez meses fixos, como se se tratasse de uma pena a ser cumprida.³⁴

Alguns limitam os direitos destas pessoas, para dar tempo a que o público e a igreja veja o arrependimento e restabeleçam a confiança de antes. É necessário um tempo de prova, no qual a pessoa tem de demonstrar o arrependimento.

Há igrejas que dão logo a reconciliação, mas suspendem da Ceia por determinado tempo:

Não se deve expor um membro excluído a humilhações, que ferem mais à própria igreja do que ao membro faltoso. A ovelha fora do aprisco não pertence menos ao pastor do que as que estão seguras no redil. Jesus é o dono daquela ovelha, ainda que ela tenha perdido a consciência de lhe pertencer, ainda que esteja ferida, com fraturas espirituais ou mesmo dilacerada.³⁵

IV - RESTAURAÇÃO COMO OBJETIVO DA DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA

Neste capítulo estarei tratando mais detalhadamente da disciplina eclesiástica com objetivo de restauração, para tal estarei definindo as bases da disciplina restauradora, a restauração dos caídos, e por último a restauração dos excluídos.

4.1 Bases da disciplina restauradora

Ser restaurado significa mais do que ter-se arrependido e ter sido perdoado. O pecado prejudica. Ele enfraquece a resistência, endurece a consciência, rebaixa os apetites, brutaliza os instintos. Ele forma maus hábitos e regenera o caráter. Os pecadores precisam ser curados e restaurados.

Segundo Edward James Farris as bases para a reconciliação são:

- I - Requisitos bíblicos para a reconciliação:
 - A) Requisitos apresentados no Velho Testamento.
 - 1. II Crônicas 7.14
 - a. Humildade
 - b. Oração
 - c) Buscar a face do Senhor
 - d) Deixar o mau caminho
 - 2. Salmo 51.17
 - a) Espírito quebrantado (arrependido)
 - b) Coração contrito e quebrantado
 - B) Requisitos apresentados no Novo Testamento: O coração arrependido.
 - 1. Exemplo de Pedro.
 - 2. Exemplo do Filho Pródigo (Lc 15)

- II - Atitude dos crentes para com o membro reconciliado
 - A) Perdão
 - 1. Exemplo de Pedro. Mt. 18.21-25.
 - 2. Exemplo de Cristo. Col. 3.13.
 - 3. Exemplo da mulher perdoada por Jesus (João 8)
 - B) Gozo

1. Exemplo do pai do Filho Pródigo (Lucas 15)
2. Exemplo do pastor que achou a ovelha perdida

III - Confissão a chave da reconciliação

A. Confissão particular

1. A Deus
 - a. Confissão de pecados (I João 1.)
 - b) Pedindo perdão
 - c. Considerando-se perdoado (Ro 6.11)
2. Ao irmão ofendido (Mt 18)
 - a) Pedindo perdão
 - b) Buscando perdão e restauração com um irmão
3. Confissão pública: à igreja
 - a) Reconhecendo o fato do erro na vida pessoal
 - b) Expressar a atitude de um coração arrependido.¹

No texto de Mt 18.15-20 encontramos resumida a concepção neotestamentária da admoestação fraterna, a preocupação pelas estruturas comunitárias do perdão e pela restauração está muito difundida em todo o Novo Testamento. Paulo também compreendia o exercício da disciplina na igreja em termos de admoestação fraterna (Gl 6.1,2). Ademais insistia em que o perdão que experimentamos em Cristo e o modelo para o perdão dos pecados da comunidade de fé (Cl 3.13). Outra corrente neotestamentária encoraja os cristãos a confessar os pecados uns aos outros e a orar uns pelos outros, a fim de que aquele que caiu seja restaurado. Na verdade, essa forma de exercer a disciplina é fundamental para a salvação da pessoa (Tg 5.16,09-20).

Portanto o Novo Testamento descreve concretamente como um irmão ou irmã pode ser restaurado. Visto que o perdão de Deus é o modelo para nossa maneira de perdoar, o perdão não pode ter limites.²

4.1.1 A base da disciplina é pessoal. O propósito de uma disciplina que se desprende do evangelho é a restauração da

pessoa que ofende, e isso determina a forma que deve tomar a disciplina restauradora. O caminho até a restauração é pessoal e deve ser tomado em espírito de brandura. Na regra de Cristo descrita em Mt. 18.15-20, o importante é que sempre haja três passos.

Espera-se que o primeiro seja suficiente para alcançar a restauração do irmão. O importante é que tais passos sejam pessoais: "entre ti e ele só" (v.15) e "duas ou três" (v.16). Espera-se que, mediante essa conversação séria e fraternal, será reconhecida a vontade do Senhor para seus discípulos e poderá haver arrependimento e restauração onde houve ofensa.³

Para tal classe de disciplina, são fundamentos a submissão e o amor mútuos, que caracterizam as relações na família de Deus.

4.1.2 A base da disciplina comunitária. Segundo a concepção neotestamentária, a comunidade inteira compartilha da responsabilidade do processo de restauração, embora isso não implique necessariamente que a congregação inteira participe em cada caso de admoestação fraterna. Em Mt 18.15, a indicativa cabe a qualquer um que seja consciente do problema.

Nossa obrigação fraternal leva-nos a responder à necessidade do ofensor mais do que ao fato de havermos sido ofendidos por sua atuação. É o amor fraternal, não o desejo de corrigir injúria, que nos faz participar.

Mt. 5.23-25 evidencia que o ofensor, ao conscientizar-se de sua ofensa, também poderá tomar a iniciativa e aproximar-se do ofendido. E mais, ele deve fazê-lo, pois nesse caso a reconciliação é mais importante que o culto. Assim cabe a todos tomar a iniciativa: ao ofendido, ao ofensor e a todo terceiro que tenha conhecimento do problema. Dessa maneira, realiza-se concretamente a doutrina do sacerdócio de todos os crente.⁴

Apesar da tradição da igreja, não há indicação através do Novo Testamento de que essa responsabilidade seja particularmente do ministério da igreja, e menos ainda das autoridades civis. "Entre as denominações que não participam diretamente da tradição do protestantismo clássico, normalmente se atribui esse papel aos anciãos, pastores, diáconos ou mestres."⁵

Pode-se presumir que os líderes congregacionias estarão vitalmente interessados na restauração de todo irmão e irmã, mas parece contrário ao espírito do Novo Testamento conceber o ancião, o pastor, o diácono ou o mestre como aquele que normal ou exclusivamente exerce a disciplina. A restauração é um processo comunitário. A igreja é uma família de irmãos e irmãs dispostos a aliviar os fardos uns dos outros.

4.1.3 A base da disciplina deve visar objetivos concretos. Conforme o Novo Testamento, o propósito da disciplina é a restauração através do perdão e da reconciliação. Trata-se de uma restauração concreta com dimensões comunitárias, mais do que meramente pessoais. Aqui, mais uma vez, segundo as tradições eclesiásticas muitas vezes os propósitos foram outros. As vezes, a preocupação foi a de preservar a pureza da igreja. Outras vezes, predominou o desejo de proteger a boa reputação da igreja perante a sociedade secular que a rodeia. Em outras igrejas, desejou-se vingar a justiça de Deus, não deixando impunes os que quebram a lei. Há também o desejo de salvaguardar as importantes normas da igreja contra o perigo da relativização, de modo que a disciplina tenha um propósito de prevenção. E, finalmente, o objetivo pedagógico, orientado pelo desejo de dar uma lição ao ofensor e ao restante da igreja.⁶

Da perspectiva da igreja institucional, todos esses propósitos são perfeitamente compreensíveis.

Representam posturas assumidas pelas igrejas estabelecidas, tanto católica quanto protestante. Mas a ênfase do Novo Testamento não recai sobre esses objetivos. Seu interesse na restauração, mediante o perdão e a reconciliação, é fundamental.⁷

Segundo o Novo Testamento, a maneira que Cristo perdoava determina para a igreja o modo de exercer a disciplina.

4.1.4 A base da disciplina deve possuir autoridade. Os textos bíblicos que se referem à disciplina evangélica não deixam dúvida quanto à autoridade da igreja. Entretanto, como devemos entender essa autoridade? Esse tem sido um tema de muitas polêmicas na história da igreja.

Se levarmos a sério o Novo Testamento, reconheceremos que a autoridade outorgada à Igreja é, em certo sentido, paralela à autoridade do próprio Jesus. Ele comissiona sua comunidade para também perdoar os pecados, a fim de restaurar seus membros. (Mt 16.19; 18.18, 19; Jo. 20.21).⁸

Isso tende a ofender os evangélicos que têm reagido contra os abusos nas práticas penitenciais católico-romanas. Como consequência, nós, assim como os escribas e fariseus do Novo Testamento, dizemos que somente Deus pode perdoar os pecados. Ao crente, comunica-se a certeza do perdão, não através de outra pessoa, mas diretamente ao coração. É muito difícil crer realmente que Deus autoriza sua comunidade a tomar decisões em termos de restauração e proibição, com o aval do céu.

Mas é importante reconhecer os limites dessa autoridade. Mais de uma vez, em sua história a igreja utilizou essa autoridade de forma arbitrária. Vários critérios nos são oferecidos para entender a vontade de Deus a fim de restaurar ou proibir a

igreja recebe a iluminação do Espírito Santo. É nessa situação, especificamente, que Cristo promete estar em meio a dois outros reunidos em seu nome (Mt 18.19-20). Pela ênfase que recebe no Novo Testamento, convém perguntar se esta não será uma obra fundamental do Espírito Santo: guiar a igreja no processo de discernir a vontade de Deus, visando restaurar os irmãos e irmãs numa comunidade de perdão.

Por ser a igreja a comunidade onde se confessa e se obedece a Jesus como Senhor, ela possui autoridade para restaurar os ofensores e comunicar-lhes palavras de perdão e reconciliação em nome de Deus.

4.1.5 A base da disciplina deve ser o perdão e o discernimento moral. O perdão e o discernimento moral não se trata de dois temas distintos, na verdade são os dois lados da mesma e qualquer moeda. A disciplina sem discernimento comunitário tornar-se mecânica e legalista, como se fosse só a aplicação das leis automaticamente, com todo rigor e severidade. É o processo de discernimento moral, à margem da dimensão pessoal de admoestação fraterna, da restauração e do perdão, tornar-se frio, impessoal e puramente acadêmico.

A congregação que busca restaurar seus membros a caminhos de fidelidade e obediência é o lugar onde se lê e interpreta a Palavra de Deus. A regra de Paulo (1Cor. 14.29-33) e a regra de Cristo (Mt. 18.15-20) são os dois pólos ao redor dos quais gira o conceito do processo comunitário que caracteriza a concepção radical da igreja.⁹

No processo de discernimento moral que acompanha o exercício da disciplina, confia-se em que o poder da verdade acaba por impor-se, desde que tão somente se dê aos irmãos a oportunidade

de obedecer a seu Senhor no seio de uma congregação aberta e comprometida.

4.2 Restaurando os caídos

Os caídos são aqueles que estão no seio da igreja, mas cujo o pecado está afastando-os da comunhão com Deus e com a igreja. A restauração se verifica quando os pecadores são trazidos de volta à retidão. Ou seja, eles reconhecem a sua pecaminosidade e a trocam por um viver santo. Os rebeldes percebem sua insensatez e maldade e abandonam a insurreição. Os caídos compreendem o seu estado, levantam-se e deixam a velha vida.

A pureza da igreja relaciona-se principalmente com a retidão do corpo de Cristo; a restauração, porém, com a retidão do indivíduo. Para que a comunhão seja restabelecida entre irmãos, o que vem a ser a reconciliação, a igreja precisa ser pura, e para que a igreja seja pura, de pessoas precisam tornar-se puras, e isto é restauração.

A palavra restauração é usada no sentido de ser trazido de volta à comunhão e de conduzir a pessoa à santidade que tinha antes de pecar.¹⁰

A igreja, como comunidade terapêutica, deve ser ministradora da graça, visando o perdão e a restauração, visando a construção e a maturidade, visando a santidade e a sanidade, o que implica na aceitação do outro e no exercício do amor.

4.2.1 Para que o caído seja restaurado é preciso evitar a sacralização. Para que a restauração do caído aconteça é

preciso que a igreja considere que certos problemas se tornam concretos em nossas igrejas com a sacralização de formas, modos, usos e costumes.

Segundo Robison Cavalcanti:

É uma tarefa inglória de querer parar a roda do tempo, em vez de procurar direcioná-la. Mais sério do que a cristinianação de formas culturais é a criação, e o uso de mecanismos de controle para enquadrar os cristãos nesses moldes, uniformizando-os. Gasta-se todas as energias para enquadrar as pessoas e para combater o novo. Nisso parece se resumir a missão da igreja.¹²

Por isso para que disciplina seja restauradora é preciso que a igreja tenha um posicionamento teológico sólido, em vez de uma sub-cultura isolada, rígida, defensiva e exótica, que sacraliza modas e modelos, inclusive sociais, econômicos e políticos, perdendo o senso crítico de in-conformação e inovação. O enquadramento dos fiéis na mesmice é feita por meio do mecanismo denominado de "disciplina eclesiástica".¹²

4.2.2 Para que o caído seja restaurado é preciso que haja amor.

Demonstrar simultaneamente o amor e a pureza de Deus é extremamente o amor e pureza de Deus é extremamente difícil.

Segundo Francis Schaeffer, citado por Don Baker:

Se enfatizarmos o amor de Deus, sem a sua santidade, isso não passará de transigência. Mas enfatizar a santidade de Deus sem o amor dele, é algo frio e sem atrativo. Sem mostrarmos uma dessas coisas sem a outra, não manifestamos o caráter, mas uma caricatura de Deus.¹³

O modelo de disciplina eclesiástica deve evitar o rígido controle sobre a vida das pessoas, em cada detalhe, o que pode causar entre os membros a institucionalização do "santo

dedurismo". Ou seja, a igreja determinar por todos os aspectos "corretos" para a vida, espiona, julga e exclui.

Deve evitar dar mais ênfase na lei do que no amor. Muitas igrejas seguem o seguinte raciocínio de que através de castigos e proibições nos atos do culto e no dia-a-dia da igreja, o pecador irá se arrepender. Porém será esse o meio ideal, por exemplo, sendo a Ceia do Senhor considerada um sacramento, um meio de graça, a sua proibição ao irmão caído o ajudará a se emendar. Porém sua proibição, salvo para os empedernidos, apenas dificultaria a recuperação. Além disso o padrão bíblico é: "Examine-se o homem a si mesmo". Se ele come e bebe os elementos indignamente trará sobre si condenação. O próprio Jesus comeu e bebeu com Judas, mesmo conhecendo os seus malignos desígnios.

4.2.3 Para que o caído seja restaurado é preciso que a igreja seja lugar de liberdade. A disciplina na igreja sempre esteve ligada ao poder político e eclesiástico. Quem tem o poder de excluir quem e por quê? Logo os membros se sentem aprisionados por uma estrutura que em vez de lhes dar liberdade causa escravidão.

Costumes elaborados por seres humanos falíveis são sacralizados, exigidos dos fiéis, e acionada a disciplina eclesiástica para os pecadores, questionadores, recalcitrantes. Segundo Robison Cavalcanti:

Possuem as igrejas ferramentas teológicas e antropológicas para separar o joio do trigo: a ética da cultura da ética da revelação? Estará apta para julgar? Poderá atirar a primeira pedra?¹⁴

Muitas pessoas estão fora das igrejas por não se submetem aos

costumes, enquanto que pseudo-cristãos estão na igreja por bem se enquadrarem e obedecerem aos costumes e tradições. Segundo Caio Fábio D'Araújo Filho:

Uma igreja que diz "só a Escritura é referencial absoluto de aferição de todas as realidades da vida e da salvação", sendo ela própria Palavra de Deus, não pode disciplinar pessoas em função da "tradição dos anciãos", ou de um "talmude denominacional regionalizante", ou de uma "Mishná evangélica" interpretativa da Palavra de Deus. Quem diz só a Escritura é a Palavra de Deus não admite que estatutos internos de igrejas, se quebrados, possam dar base à disciplina de crentes. Disciplina-se mais na Igreja do Brasil por quebra de estatutos internos do que por desobediência cínica à Palavra de Deus.¹⁵

Liberdade não é "fazer tudo o que você quer". Essa é uma idéia absurda, liberdade é fazer aquilo para o qual você foi designado, fazendo-o com alegria e poder.

A liberdade nasce de uma carinhosa responsabilidade dos membros da igreja, uns para com os outros. E esta, por sua vez, nasce porque eles descobriram que Deus é um Deus cheio de graça que anseia por perdoar pecadores. Quanto mais as pessoas perceberem a glória de um Deus gracioso, tanto mais dispostos estarão para se abrir, para se arrepender e para confiar nele. Quanto mais o fizerem, tanto mais se amarão uns aos outros. E, quanto mais as pessoas se importarem umas com as outras, precisarão de menos leis para governá-las e de uma liderança muito menor para isso.

Se, então, fizermos a pergunta: "A disciplina eclesiástica produz um clima de liberdade na igreja?". Deveríamos antes perguntar se a disciplina eclesiástica é então, compatível com a presença do Espírito Santo.

Por conseguinte, a liberdade deve ser um objetivo na disciplina da igreja. Por essa liberdade Cristo morreu e ressuscitou. A disciplina da igreja deve ter como objetivo o treinamento dos membros nas coisas práticas do evangelho. Ela deve esclarecer, Deus remover o véu dos olhos, deve reconciliar, restaurar, purificar. Deve capacitar os membros a confiarem uns nos outros mais plenamente.¹⁶

Como, pois, se pode construir uma personalidade madura em um contexto onde a condição para a santidade é a perda da liberdade? Abdica-se da capacidade de escolha em favor da instituição eclesiástica, que passa a ditar as normas, dogmaticamente, sobre o que vestir, o que beber, o que comer, o que usar, o que fazer ou como se divertir. Em troca é dada a segurança de um ventre materno de onde não se quis sair ou da casa paterna onde se quer permanecer para sempre.¹⁷

4.3 Restaurando o excluído

Para a reconciliação dos excluídos é preciso sincero arrependimento, o que implica cessação da prática de qualquer ato que tenha ocasionado a exclusão ou que tenham surgido depois, contrários às doutrinas e práticas da Palavra de Deus.

Nos casos em que os atos praticados pelo excluído tenham lesado moral ou materialmente algum membro ou grupo da igreja, a reconciliação pessoal, mediante o ressarcimento devido pela injúria ou dano, torna-se indispensável.⁸

No caso de exclusão por ausência, a reconciliação deve ser precedida da reintegração da freqüência aos cultos da igreja e na comunhão com os seus membros.

Os excluídos por aderirem as igrejas de outras doutrinas segundo João Falcão Sobrinho:

Devem ser submetidos a um exame das suas convicções doutrinárias em entrevista com o Departamento de Membros ou com o pastor da igreja, antes da reconciliação.¹⁹

O que ao meu ver geraria constrangimento, pois se membros de igrejas de muitos anos ainda possui dúvidas acerca de questões doutrinárias, imagine alguém que estão voltando, sua aceitação deve se basear no seio da igreja. Pois a igreja deve ser o lugar onde as pessoas devem ter suas dúvidas sanadas, não reprimidas ou padronizadas.

4.3.1 Estado do excluído. Os excluídos estão sofrendo, se convertidos, estão saindo fora do controle do Espírito Santo. Se não convertidos, estão frustrados e precisam de uma experiência de conversão. De qualquer forma eles precisam da igreja, precisam de ajuda, precisam de restauração para terem a alegria da sua salvação.²⁰

Os excluídos não estão desenvolvendo os seus dons espirituais, não estão crescendo na graça e no conhecimento de Jesus Cristo, porque os dons espirituais são exercidos de forma plena no seio da igreja.

Os excluídos estão frustrados, entendiados com sua própria fé, porém podem voltar a ser úteis. A igreja precisa deles, dos seus talentos e dons e do seu trabalho. Uma vez restaurados na

sua vida espiritual, podem voltar a reger, tocar, cantar, pregar, ensinar, administrar.

4.3.2 Formas de restauração do excluído. A iniciativa deve começar com a igreja de origem. Os excluídos devem ser acompanhados em oração e cuidados. A exclusão deve ser comunicada ao excluído sempre em termos de compaixão e justiça, de modo a deixar claro, ante o estabelecido que, uma vez cessados os motivos da exclusão, a porta do retorno estará aberta, com espírito de amor, perdão, reconciliação e restauração. Envolve a disposição de esquecer mágoas e ofensas e eliminar todo preconceito e toda generalização.

Se a igreja desejar a volta dos excluídos de seu próprio rol ou de outras igrejas, que residam nas suas imediações, deve manifestar-lhe o seu desejo recebendo-os com amor, alegria e sem desconfiança.

É indispensável que o nível espiritual da igreja seja elevado até um ponto em que se torne desejável para os excluídos. Eles devem perceber, e só o perceberão se for um movimento resultante do Espírito Santo na vida da igreja, que se eles voltarem serão realmente abençoados. Segundo João Falcão Sobrinho:

Eles deverão ser motivados a voltar pelo amor a Cristo, refletido na vida da igreja, por causa de Cristo, e não por qualquer outro motivo. Digam o que disserem, os irmãos que estão fora da comunhão da igreja estão com fome. Se eles souberem que em uma determinada igreja há pão para a alma, não hesitarão em entrar.²¹

As igrejas podem descobrir excluídos através de recenseamento no bairro, pela revisão periódica do rol de membro e fichários

antigos, ou através de convites especiais a "ex-membros" em campanhas de evangelismo.²²

É preciso ir buscar os excluídos, localizá-los, e em seguida entrar em contato com eles. Demonstra-lhes amor. Ajudá-los a solucionar seus problemas que impedem a volta.

O pedido de reconciliação sempre deve ser feito por escrito, assinado pelo interessado. A igreja pode ter um formulário próprio para esse fim.

A votação da reconciliação deve ser feita, preferencialmente, por unanimidade, podendo-se aceitar para registro em ata, mediante requerimento por escrito, qualquer declaração de voto contrário.²³

Outra igreja poderá pedir a reconciliação, ao pedir a reconciliação e a carta de um excluído, uma igreja não deve estar julgando a decisão de outra igreja. Segundo João Falcão Sobrinho os pedidos de carta de transferência de membros excluídos devem ter tratamento diferenciados:

Se a exclusão foi por ausência, tem sido uma praxe conceder a transferência sem maiores exigências, podendo-se escrever uma carta ao membro reconciliado, demonstrando satisfação pelo fato. Caso o motivo de exclusão tenha sido desvio de conduta moral ou doutrinária, é conveniente informar à igreja solicitante e aguardar novo pedido de reconciliação e carta. No caso de o excluído estar em débito moral ou material com a igreja de origem, esta tem o dever de amor, em benefício da consciência do interessado, de exigir o devido ressarcimento antes de considerar o seu pedido de reconciliação.²⁴

A restauração dos excluídos é tarefa para a igreja, é um capô a ser trabalhado e não deixado de lado e ignorado pelas igrejas.

4.3.3 Condições para a restauração dos excluídos. Deve haver sincero arrependimento, o que envolve reconhecimento do erro cometido, plena disposição de não reincidir no erro, reparação no que couber, com humildade mas sem humilhações, sem suspensão mas com amor. Sem essa condição prévia a reconciliação e restauração será um ato de conveniência, que não dará ajuda efetiva ao crente.²⁵

Por amor ao irmão excluído, a restauração deve ser, sempre que possível uma decisão da igreja que exclui. A aceitação por aclamação só deve acontecer em caso extremos, depois que todos os meios disponíveis e possíveis para a reconciliação regular forem esgotados. "Crentes excluídos recebidos em outra igreja por aclamação sentem-se estigmatizados."²⁶

O arrependimento não compra o perdão. Cristo pagou pelo nosso perdão em sua morte. Mas, tendo pago o resgate, deu-nos autoridade para perdoarmos pecados gratuitamente, de sorte que agora temos autoridade para perdoar os outros. Somos solicitados a declarar perdão a todos os que se arrependem, que respondem à Palavra de Deus, e ao Espírito de Deus.

5. CONCLUSÃO

O estudo da disciplina na Igreja no Novo Testamento mostra que os métodos empregados se dividem entre a disciplina por palavra e por ação. O objetivo maior é encorajar cristãos imaturos a crescer para a maturidade.

Cada crente deve ter a liberdade de seguir as ordens divinas por meio da auto-disciplina, o auto-exame evitará a disciplina do Pai, muito mais severa do que os homens. Ter o hábito de ler a Bíblia, frequência aos cultos, tem, como alvo principal, desenvolver a capacidade de o crente decidir por si mesmo como agir de acordo com a vontade de Deus, sem pressão externa.

Porém, quando falta a auto-disciplina cabe a igreja manter a pureza e saúde espiritual do corpo. O alvo desta disciplina deve ser ganhar o irmão, proteção da igreja, e testemunho da igreja.

Deve-se ter cuidado quanto as razões para se aplicar a disciplina, evitando o legalismo que acentua-se mais numa prática externa do que numa convicção interior. Os fatores sócio-econômicos, religiosos, morais, espirituais, eclesiásticos devem ser avaliados para uma maior amplitude do caso tratado.

As barreiras que prejudicam a disciplina devem ser ultrapassadas, como a vergonha, acomodação, preconceito, interesses políticos e tantas outras coisas que desviam a verdadeira intenção da disciplina que é a restauração.

As igrejas devem avaliar as formas de disciplinas tais como a preventiva, terapêutica e cirúrgica, como são usadas nas igrejas de hoje. Sabendo utilizá-las de forma a conhecer os pontos fracos e fortes de cada método, com o cuidado de contextualizá-las de acordo com o problema a ser confrontado.

A base para isso é uma disciplina restauradora que seja pessoal, comunitária, com objetivos concretos, que possui autoridade, perdão e o discernimento moral.

A igreja tem que saber adotar métodos adequados tanto para os caídos quanto para os excluídos. Quanto aos caídos deve-se evitar a sacralização, deve haver amor e liberdade, para que haja a restauração e evite-se as neuroses, desavenças, mágoas e castrações que acontecem frequentemente no nosso meio evangélico, e que por isso mesmo devem ser evitadas.

Quanto aos excluídos é preciso que a igreja leve em conta o seu estado, evitando generalizações, deve também repensar as formas de restaurações do excluído dando maior lugar a graça do que o esforço próprio e as "boas obras".

Tendo por último a condição de restaurar baseada no arrependimento e na premissa de que Cristo pagou o preço pelo nosso pecado.

O autor espera que com esse trabalho possa contribuir para que as igrejas repensem o modo como é praticado a disciplina. Sem a pretensão de ter esgotado o assunto, mas com a convicção de ter levantado perguntas, estas em maior número, e dado respostas,

que cabem às igrejas, pastores e membros a usarem de sabedoria e contextualização, para que a igreja de Cristo seja lugar de restauração e edificação.

6. NOTAS DE REFERÊNCIA

CAPÍTULO 1

¹BAKER, Don. *Além do perdão*. Tr. Neyd Siqueira. Venda Nova: Betânia, 1986. 108p. p.16.

²SHEDD, Russell P. *Disciplina na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1983. 72p. p.13.

³ROTTMANN, Johannes H. *Se teu irmão pecar*. Porto Alegre: Concórdia, 1980. 86p. p.11.

⁴SHEDD, Russell P. *op. cit.* p. 13.

⁵*Id. ibid.*, p. 13.

⁶*Id. ibid.*, p. 16.

⁷ROTTMANN, Johannes H. *op. cit.* p. 14.

⁸SHEDD, Russell P. *op. cit.* p. 17.

⁹BROWN, Colin. (ed.) *O novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. v. 1. São Paulo: Vida Nova, 1981. 708p. p.174.

¹⁰ROTTMANN, Johannes H. *op. cit.* p. 30.

¹¹WHITE, John e BLUE, Ken. *Restaurando o ferido*. Tr. Wilson Villanova. Flórida: Vida, 1992. 238p. p.86.

¹²*Id. ibid.*, p. 87.

¹³SHEDD, Russell P. *op. cit.* p. 86.

¹⁴*Id. ibid.*, p. 39.

¹⁵*Id. ibid.*, pp. 40,41.

¹⁶*Id. ibid.*, p. 57.

¹⁷*Id. ibid.*, p. 58.

¹⁸*Id. ibid.*, p. 57.

¹⁹*Id. ibid.*, p. 58.

²⁰*Id. ibid.*, p. 59.

²¹*Id. ibid.*, p. 63.

²²*Id. ibid.*, p. 65.

²³*Id. ibid.*, p. 67.

²⁴*Id. ibid.*, p. 68.

²⁵ROTTMANN, Johannes H. *op. cit.* p. 55.

²⁶SHEDD, Russell P. *op. cit.* p. 32.

²⁷ROTTMANN, Johannes H. *op. cit.* p. 61.

²⁸SHEDD, Russell P. *op. cit.* p. 53.

²⁹*Id. ibid.*, p. 54.

³⁰*Id. ibid.*, p. 60.

³¹*Id. ibid.*, p. 65.

³²ROTTMANN, Johannes H. *op. cit.* p. 70.

CAPÍTULO 2

¹BAKER, Don. *Além do perdão*. Tr. Ney Siqueira. Venda Nova: Betânia, 1986. 108p. p.32.

²FARRIS, Edward James. *Como tratar das exclusões*. Curitiba: Ed. Jornal Realidade Cristã, 1988. p.38.

³DRIVER, John. *Contra a corrente*. Tr. Valéria Fontanta e Eber Cocareli. Campinas: Cristã Unida, 1994. 194p. p.64.

⁴*Id. ibid.*, p.65.

⁵BARRIENTOS, Alberto. *Trabalho pastoral*. Tr. Kédma Campos Rix. Campinas: Cristã Unida, 1991. 278p. p.205.

⁶FARRIS, Edward James. *op. cit.* p.40.

⁷FALCÃO SOBRINHO, João. *Os excluídos*. *Administração eclesiástica*. Rio de Janeiro. v.20, n.3, pp.11-14. jul. ago. set. 1991. p.12.

⁸BARRIENTOS, Alberto. *op. cit.* p.207.

⁹FARRIS, Edward James. *op. cit.* p.35.

¹⁰BAKER, Don. *op. cit.* p.45.

¹¹MENDES, Naamã. *Igreja, lugar de vida*. Venda Nova: Betânia, 1992. 117p. p.30.

¹²*Id. ibid.*

¹³*Id. ibid.* p.31.

¹⁴FALCÃO SOBRINHO, João. *op. cit.* p.11.

¹⁵CASTRO, Laércio Barbosa. *Prática disciplinar*. *Administração eclesiástica*. Rio de Janeiro. v.21, n.2, pp.21-25. abr. mai. jun. 1994. p.22.

¹⁶*Id. ibid.*, p.23.

¹⁷*Id. ibid.*, p.24.

¹⁸*Id. ibid.*, p.25.

¹⁹*Id. ibid.*, p.24.

²⁰FALCÃO SOBRINHO, João. *Disciplina eclesiástica: como e por quê?* *Administração eclesiástica*. v.19, n.1, pp.12-14. jan. fev. mar. 1992. p.14.

²¹WHITE, John e BLUE, Ken. *Restaurando o ferido*. Tr. Wilson Villanova. Flórida: Vida, 1992. 238p. p.23.

²²*Id. ibid.*, p.26. In: STOTT, John. *Confess your sins*. pp.48-49.

²³*Id. ibid.*, p.28.

²⁴FALCÃO SOBRINHO, João. *op. cit.* p.14.

²⁵SHEDD, Russell Phillip. *Disciplina na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1983. 72p. p.11.

²⁶FALCÃO SOBRINHO, João. *Os excluídos*. *Administração eclesiástica*. Rio de Janeiro. v.20, n.3, pp.11-14. jul. ago. set. 1991. p.12.

²⁷*Id. ibid.*, p.13.

²⁸*Id. ibid.*

²⁹*Id. ibid.*, p.14.

³⁰SHEDD, Russell Phillip. *op. cit.* p.11.

³¹FALCÃO SOBRINHO, João. *op. cit.* p. 14.

³²FARRIS, Edward James. *op. cit.* p.22.

³³FALCÃO SOBRINHO, João. *op. cit.* p.11.

³⁴BARRIENTOS, Alberto. *op. cit.* p.206.

³⁵FALCÃO SOBRINHO, João. *Disciplina eclesiástica: como e por quê?* Administração eclesiástica. v.19, n.1, pp.12-14. jan. fev. mar. 1992. p.13.

CAPÍTULO 3

¹FARRIS, Edward James. *Como tratar das exclusões*. Curitiba: Ed. Jornal Realidade Cristã, 1988. 102p. p.69.

²DRIVER, John. *Contra a corrente*. Tr. Valéria Fontanta e Eber Cocareli. Campinas: Cristã Unida, 1994. 194p. p.65.

³*Id. ibid.*, p.66.

⁴*Id. ibid.*, p.67.

⁵*Id. ibid.*, p.68.

⁶*Id. ibid.*

⁷*Id. ibid.*, p.69.

⁸*Id. ibid.*, p.68.

⁹*Id. ibid.*, p.70.

¹⁰WHITE, John e BLUES, Ken. *Restaurando o ferido*. Tr. Wilson Villanova. Flórida: Vida, 1992. 238p. p.65.

¹¹CAVALCANTI, Robison. *Libertação e sexualidade*. São Paulo: Temática Publicações, 1990. 143p. p.21.

¹²*Id. ibid.*, p.23.

¹³BAKER, Don. *Além do perdão*. Tr. Neyd Siqueira. Venda Nova: Betânia, 1986. 108p. p.15.

¹⁴CAVALCANTI, Robison. *Libertação e sexualidade*. São Paulo: Temática Publicações, 1990. 143p. p.21.

¹⁵*Id. ibid.*, p.23.

¹⁶WHITE, John e BLUE, Ken. *op. cit.* p.77.

¹⁷CAVALCANTI, Robison. *op. cit.* p.24.

¹⁸FALCÃO SOBRINHO, João. *Disciplina eclesiástica: como e por quê?* Administração eclesiástica. v.19, n.1, pp.12-14. jan. fev. mar. 1992. p.12.

¹⁹*Id. ibid.*, p.12.

²⁰*Id. ibid.*, p.13.

²¹*Id. ibid.*

²²*Id. ibid.*

²³*Id. ibid.*, p.14.

²⁴*Id. ibid.*

²⁵*Id. ibid.*

²⁶*Id. ibid.*, p.12.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. Tr. Odayr Olivetti. São Paulo: Fiel, 1977. 267p.
- BAKER, Don. *Além do perdão*. Tr. Neyd Siqueira. Venda Nova: Betânia, 1986. 108p.
- BARRIENTOS, Alberto. *Princípios e alternativas de trabalho pastoral*. Tr. Kédma Campos Rix. Campinas: Cristã Unida, 1991. 278p.
- BROWN, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v.1. São Paulo: Vida Nova, 1981. 708p.
- CASTRO, Laércio Barbosa. *Prática disciplinar: uma reflexão sobre as bases do comportamento cristão e da disciplina da igreja local*. Parte I. Administração eclesiástica. Rio de Janeiro. v.21, n.2, pp.21-25. abr. mai. jun. 1994.
- _____. *Prática disciplinar: uma reflexão sobre as bases do comportamento cristão e da disciplina na igreja local*. Parte II. Administração eclesiástica. Rio de Janeiro. v.21, n.3, pp.19-24. jul. ago. set. 1994.
- CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e sexualidade*. São Paulo: Temática Publicações, 1990. 143p.
- DANA, Harvey Eugene. *Manual de Eclesiologia*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1987. 168p.
- DRIVER, John. *Contra a corrente*. Tr. Valéria Fontanta e Eber Cocareli. Campinas: Cristã Unida, 1994. 194p.
- ELWELL, Walter A. *Eclesiologia*. Tr. Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 1993. 110p.
- FALCÃO SOBRINHO, João. *Disciplina eclesiástica: como e por quê?* Administração eclesiástica. v.19, n.1, pp.12-14. jan. fev. mar. 1992.
- _____. *Os excluídos*. Administração eclesiástica. Rio de Janeiro. v. 20, n. 3., pp.11-14. jul. ago. set. 1991.
- FARRIS, Edward James. *Como Tratar das exclusões: um estudo prático de disciplina eclesiástica*. Curitiba: Ed. Jornal Realidade Cristã, 1988. 102p.

- FOSTER, Richard J. *Celebração da Disciplina*. Tr. David Falk. Campinas: Cristã Unida, 1995. 99p.
- GOLDSMITH, Donald. *A Doutrina da Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1993. 100p.
- GUINNES, Howard. *Sacrifício*. Tr. Edwin Sipowicz. Buenos Aires: Certeza, 1975. 94p.
- KESSLER, Nemuel e CÂMARA, Samuel. *Administração eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987. 256p.
- MEMDES, Naamã. *Igreja, lugar de vida*. Venda Nova: Betânia, 1992. 117p.
- ROTTMANN, Johannes H. *Se teu irmão pecar*. Porto Alegre: Concórdia, 1980. 86p.
- SHEDD, Russell Phillip. *A disciplina na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1983. 72p.
- WERNING, Waldo J. *Como Recuperá-los*. Porto Alegre: Concórdia, 1982. 66p.
- WHITE, John e BLUE, Ken. *Restaurando o ferido*. Tr. Wilson Villanova. Flórida: Vida, 1992. 238p.